

EM BUSCA DE FANON

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. São Paulo: Zahar, 2022. 374 p.

Foi-se o tempo em que a obra de Fanon era conhecida apenas pelos militantes anticolonialistas e ativistas dos movimentos negros. Em grande parte pelo esforço destes, ela é hoje uma referência obrigatória para todo estudante e professor(a) de ciências humanas e sociais. O que implica que se deva ter uma noção mínima de sua trajetória e aspectos elementares de sua reflexão, tal qual se faz com outros intelectuais do século XX, como Keynes, Lukács, Marcuse, Sartre, Braudel ou Foucault. Tendo isto em consideração, a republicação de *Os condenados da terra* já é algo meritório.

Esta nova edição vai permitir que um número maior e mais amplo de leitores possa conhecer esta obra clássica, tendo em conta que há hoje um público mais interessado do que outrora em algumas temáticas centrais ao livro,

como relações étnico-raciais, colonialidade, decolonialidade, violência sistêmica, práxis psiquiátrica, insubmissão e ativismo cultural. A apresentação desta nova edição do livro, escrita por Thula R. de O. Pires, Marcos Queiroz e Wanderson Flor do Nascimento traz uma reflexão interessante neste sentido, buscando aproximar o leitor contemporâneo do que seria uma releitura brasileira do autor.

Do ponto de vista acadêmico, trata-se também de uma difusão relevante para o Brasil, pois a primeira edição do livro (1961) tem mais de sessenta anos. Fanon é uma referência para o ativismo negro desde a década de 1970. No entanto, sua recepção na academia foi sempre esporádica. É certo que este quadro vem mudando rapidamente, em decorrência da expansão e democratização das

universidades públicas, que permitiram a entrada de uma maior quantidade de professores (as) e estudantes negros e/ou de baixa renda em tais instituições. Isso fez com que, nos últimos anos, os trabalhos sobre Fanon tenham crescido em escala geométrica, com livros, teses, dissertações, artigos e seminários; e já se pode falar do nascimento de um campo de estudos fanonianos no país. Mas trata-se de algo recente.

Essa retomada de Fanon deve ser vista em escala global. Ela é mais uma peça do tabuleiro que se joga atualmente, visando o estabelecimento de uma ciência menos eurocêntrica; especialmente as ciências humanas e sociais. Uma tendência intelectual que começa a ganhar autoconsciência de sua existência transnacional, refletindo a disposição de muitos para construir um mundo mais multipolar no século XXI. Fanon não é uma peça secundária desse jogo. Não é um peão, é um bispo, que tem a capacidade de avançar rapidamente para o campo inimigo e, por vezes, contra o seu próprio campo, de forma transversal.

Essa agudeza do autor já era sentida à época, inclusive por seus “correligionários”. Para citar só um

exemplo, vale lembrar que muitos da negritude francófona viam-no com desconfiança por conta de sua radicalidade reflexiva e política. E havia um porquê. Afinal, não foi ele quem disse publicamente frases como a seguinte: “A descoberta da existência de uma civilização negra no século XV não me dá nenhum brevíssimo de humanidade. Quer se queira, quer não, o passado não pode, de modo algum, me guiar na atualidade”.¹

Fanon era assim: insubmisso. Talvez por isso ele não se visse apenas como uma pessoa intelectualizada, que repete opiniões alheias. Ele queria ser e se colocar como um intelectual pleno, ou seja, alguém que tem um pensamento próprio e coerente. Pode-se aceitar ou não tal posicionamento, mas é importante tê-lo em consideração para melhor entendê-lo. Esta é inclusive uma boa razão para conceder a Fanon o direito de ser lido a partir de si mesmo, e não como continuador de correntes intelectuais, como o “existencialismo”, “a psicanálise lacaniana”, o “terceiro-mundismo”, o “anticolonialismo”, o “marxismo-leninismo”,

1 Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, Salvador: EDUFBA, 2008, p. 186.

o “maoísmo” ou, mais recentemente, o “pós-colonialismo”, o “decolonialismo” ou as “epistemologias do Sul”.

Não por acaso, tal é o direcionamento que muitos pesquisadores recentes têm feito no campo internacional de estudos fanonianos: pensar desde Fanon.² Em outras palavras, desenvolver e atualizar o seu pensamento a partir de suas próprias bases, como propuseram, entre outros, Jane Gordon, Alejandro Oto, Lewis Gordon, Nigel Gibson, Silvia Wynter, Sonia Dayan-Hezbrun, Deivison M. Faustino, Mireille Fanon-Mendés-France.

Evidentemente, cabe uma pergunta: seria óbvio o que significa pensar desde Fanon? Aparentemente sim. Mas indo mais a fundo: tal objetivo não implica certas premissas implícitas? Por exemplo: o que é pensar sobre um autor e a partir de um autor? Ainda mais complexo: com um autor... Não se estaria aí recaindo em certa lógica de autenticidade e essencialismo: a busca do “verdadeiro” Fanon a ser identificado e analisado? Sabemos que tais perguntas não são absurdas. E no mundo acadêmico podem implicar alto

2 Sobre o assunto, ver Deivison M. Faustino, *A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria política dos fanonismos contemporâneos*, São Paulo: Intermeios, 2020.

grau de sofisticação analítica. Especialmente para aqueles que seguem as vertentes derivadas da chamada “virada linguística” do Entreguerras. Mas, para os pesquisadores que vêm construindo essa visão mais internalista de Fanon, trata-se de fugir deste ardil pós-moderno, refazendo o caminho clássico dos cientistas sociais e historiadores ao interpretar as ideias: analisar a veracidade da interpretação realizada. Ou seja, o quanto determinada interpretação de determinadas ideias pode ser tida (ou não) como uma boa aproximação da verdade, tendo em conta o seu método, coerência e facticidade empírica.

Enfim chegamos ao nosso ponto específico: como ler *Os condenados da terra* hoje? Há uma única interpretação correta? Evidentemente que não, mas há algumas mais corretas do que outras. Na busca por um Fanon contemporâneo, nas próximas páginas, aponta-se para uma destas leituras possíveis, sem a preocupação de provar inteiramente nosso ponto de vista, nem negar outras (e novas) possibilidades interpretativas.

Escrito em 1961, o livro foi ditado no leito de morte, quando o autor estava acamado por conta do agravamento da

leucemia que o levaria à morte prematura aos trinta e seis anos. Naquele período, Fanon era um autor conhecido no meio intelectual parisiense e no norte da África. Desde 1957 trabalhava como médico na Tunísia e por vezes na França, após ter-se demitido da mesma função na Argélia. Era também um militante da Frente de Libertação Nacional (FLN) da Argélia, tendo se tornado editor do jornal anticolonialista *El Moudjahid* e um porta-voz informal do Ministério da Informação da FLN no exterior.

Não resta dúvida de que o objetivo primordial deste último livro de Fanon era refletir sobre os dilemas das descolonizações africanas, em um momento crucial da história política do continente. Afinal, após décadas de luta anticolonial, os movimentos de libertação finalmente caminhavam para conseguir suas independências nacionais, em particular, na África de dominação inglesa e francesa.

Tal fato histórico possuía certa dubiedade para Fanon. Por um lado, ele celebrava a vitória histórica das descolonizações. Era uma oportunidade para o mundo melhorar como um todo, humanizando-se. No entanto, dizia ele, existiriam as falsas e as verdadeiras

descolonizações, e só estas últimas é que teriam esta importância global. O que diferenciava umas de outras? Para ele, as falsas descolonizações eram aquelas que estavam realizando as independências nacionais dentro de um marco neocolonial, em que as novas burguesias nativas (africanas) estabeleciam negociações que mantinham uma relação de subalternidade da jovem nação com as ex-metrópoles. Ao contrário, as verdadeiras descolonizações seriam aquelas em que o povo e sua vanguarda seriam os reais protagonistas. Estes, ao realizar uma revolução contra a ordem colonial e o neocolonialismo, criariam as condições para a construção de uma nova sociedade socialista: original, autônoma, com justiça social e poder popular.

Para Fanon, inclusive, esta descolonização revolucionária seria a única possível nos casos em que não houvesse abertura para negociações da independência, como na África “lusófona” e em outros lugares (Argélia, Rodésia, Namíbia, África do Sul) nos anos 1950 e 60, por conta dos grandes interesses materiais metropolitanos e das populações brancas neles assentadas. Nestes, a luta armada era a única saída. Algo que ele busca esclarecer para a esquerda

internacional e para certas elites africanas, que ainda se recusavam a apoiar a violência como um meio legítimo de descolonização, como a que estava ocorrendo na Argélia.

É certo que *Os condenados* foi escrito e editado visando essa luta político-ideológica da época. E entre as décadas de 1960 e 1970, na medida em que esse contexto e objetivo primordial continuaram existindo, esta aproximação da obra se tornou a forma clássica de se ler o autor. Foi somente nos anos 1980, quando se criou o Fanon “pós-colonial” ou o Fanon “estudioso” das relações étnico-raciais, que o Fanon “revolucionário” passou a ser visto por muitos como alguém ultrapassado e anacrônico. Não por acaso, a partir daí se têm privilegiado as revisitações de *Pele negra, máscaras brancas* (1951).

No entanto, mais uma vez, penso que uma visão mais interna do autor e sua obra permite superar o suposto antagonismo de tais posições. Afinal, não se trata de um militante revolucionário ou de um teórico. Ele foi ambas as coisas. Daí que uma visão fanoniana coerente seja necessariamente um lugar de práxis, ainda hoje.

É verdade que *Os condenados* foi um livro de combate. Mas foi também

de reflexão profunda. Martinicano de origem, formado na França do pós-Guerra, médico psiquiatra no norte da África, militante da FLN, Fanon tornou-se um arguto observador do tipo específico de relações sociais que se constroem e reproduzem em sociedades estruturadas pelo capitalismo colonialista eurocentrado, sejam elas coloniais ou neocoloniais, como nas Américas. Vários trechos dos seus livros e artigos são úteis nessa reconstrução, como em *Pele negra, máscaras brancas* e nos artigos de *El Moudjahid* (recentemente publicados no Brasil nos livros *Escritos políticos* e *Por uma revolução africana*), em que reaparece, por exemplo, a questão do paralelismo entre sociedades coloniais e sociedades racistas, como os EUA. Já tivemos a oportunidade de tratar do assunto em outra ocasião, a partir do conceito de configuração colonialista em Fanon.³ Adicionalmente, vale destacar que a mesma temática – paralelismo entre sociedades coloniais e sociedades racistas – reaparece no curso de “Psicopatologia social” que o autor

3 Muryatan S. Barbosa, “A atualidade de Frantz Fanon: acerca da configuração colonialista” in Silvio de A. C. Filho e W. S. Nascimento (orgs.), *Intelectuais das Áfricas* (Rio de Janeiro: Pontes, 2018), pp. 443-467.

lecionou em 1959-60, como se pode ver nos textos recém-publicados no Brasil.⁴

Nesse sentido, penso que caberia revalorizar e reavaliar também *Os condenados*. A título de exemplo, cito as dicotomias ali levantadas pelo autor entre o mundo colonial e o mundo colonizado, como espaços diferentes de ocupação e vivência nas cidades. Não soa como algo estranhamente parecido aos espaços sociais segregados das grandes cidades nas Américas? E a correlação que ele estabelece entre racismo sistêmico e violência – de colonizadores e colonizados – será realmente uma exclusividade do mundo colonial? Ou ainda a sua análise da burguesia neocolonial africana; seria essa classe essencialmente diferente das classes dominantes latino-americanas? E neste caso, vale lembrar, o próprio autor fez a comparação em passagens como a seguinte do livro citado:

Em seu aspecto decadente, a burguesia nacional (africana) será consideravelmente ajudada pelas burguesias ocidentais, que se apresentam como turistas amantes do exotismo, das caçadas, dos cassinos. A burguesia nacional organizará centros de repouso e de lazer e terapias de prazer

destinados à burguesia ocidental. Essa atividade adotará o nome de turismo e será equiparada, nesse caso, a uma indústria nacional. Se quisermos uma prova dessa eventual transformação dos elementos da burguesia ex-colonizada em organizadores de festas para a burguesia ocidental, vale a pena evocar o que aconteceu na América Latina. Os cassinos de Havana, da Cidade do México, as praias do Rio, as garotas brasileiras, as garotas mexicanas, as mestiças de treze anos, Acapulco, Copacabana, são estigmas dessa depravação da burguesia nacional (p. 152).

Ouso dizer que a própria organização do livro revela que Fanon pode ser lido desde tal perspectiva, ou seja, a partir de sua reflexão maior sobre as consequências do colonialismo em sociedades coloniais ou neocoloniais. Há quatro capítulos primordiais em *Os condenados*: a) “Sobre a violência”, acrescido de um curto ensaio sobre a “Violência no contexto internacional”; b) “Grandezas e fraquezas da espontaneidade”; c) “Desventuras da consciência nacional”; d) “Sobre a cultura nacional”. Estes formam um pouco mais que dois terços do livro. A parte menor são textos que Fanon e seu editor, François Maspero, resolveram adicionar ao livro, a saber, o famoso prefácio de Sartre ao texto (não reproduzido

4 Frantz Fanon, *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu Editora, 2020, pp. 276-291.

na edição aqui resenhada), além, do próprio Fanon, “Fundamentos recíprocos da cultura nacional e das lutas de libertação” (originalmente escrito pelo autor como comunicação ao II Congresso dos Escritores e Artistas Negros em 1958) e “Guerra colonial e distúrbios mentais”, que surge como o capítulo V do livro. Este último, com cerca de cinquenta páginas, são anotações do seu trabalho como médico psicanalista na Argélia e Tunísia, entre 1954 e 1959.

Se a comunicação mencionada (“Fundamentos recíprocos...”) ainda guarda certa coesão com os demais capítulos, especialmente o IV (“Sobre a cultura nacional”), os que conhecem o livro percebem que a inclusão das notas citadas (capítulo V) soa um tanto estranho a ele. Em especial, porque são notas avulsas, que, apesar dos comentários esparsos do autor, não formam um texto coeso. Francamente, elas mais atrapalham uma primeira leitura do livro do que ajudam, pois não se entende qual a importância que elas teriam para o argumento central ali construído: em defesa das “verdadeiras” descolonizações africanas.

É pouco crível que Maspero, já famoso editor à época, não tenha notado a possível incompreensão que

a inclusão de tais notas trariam ao livro. Provavelmente, Fanon as queria lá, mesmo sem ter tido tempo hábil para tirar dali todas as consequências que gostaria. Daí que, prevendo as objeções, ele tenha deixado escrito em *Os condenados*: “Abordamos aqui o problema dos distúrbios mentais originados da guerra de libertação conduzida pelo povo argelino. Poderão parecer inoportunas e singularmente deslocadas em tal livro estas notas de psiquiatria. Nada podemos fazer a respeito!” (p. 251).

Mas por que Fanon as queria lá? Aqui cabem algumas ilações. A resposta mais óbvia é que elas serviriam para mostrar os horrores do que estava acontecendo na Argélia. Ou talvez para mostrar o lado desumanizador da guerra, para ambos os lados. Mas ousa-se aqui outra hipótese: tais notas foram ali incluídas porque eram parte de um projeto de estudos maior do autor, que ele sabia que não poderia concluir por estar com leucemia.

Do que se tratava este projeto intelectual? Vários elementos e trechos de suas obras levam a crer que Fanon buscava construir uma teoria social coerente, completa, em que o mundo capitalista, colonial e o neocolonial, seriam as duas partes de uma

mesma totalidade, cuja gênese foram os processos de conquista europeia. Ele teve *insights* geniais do que esta teoria implicava e do que ela deveria englobar: a) o papel estrutural e estruturador do racismo; b) a violência sistêmica como forma de controle social; c) a tendência neocolonial das burguesias nativas, após as independências nacionais. Mas não teve o tempo necessário para desenvolver estas ideias em um todo coerente ou acrescentar outras (se fosse o caso).

Em suma, a inclusão de tais notas, ainda que no final de *Os condenados*,

mostra que Fanon estava consciente de que seu livro colocava questões que não poderiam ser ali resolvidas. Mas que seriam repensadas por seus futuros leitores. E de fato o foram, como mostra sua influência sobre autores tão relevantes e diversos, como Amílcar Cabral, Huey P. Newton, Bernard M. Magubane, Angela Davis, Steve Biko, Lélia Gonzalez, Homi Bhabha, Cedric Robinson, Stuart Hall, Walter D. Mignolo ou Achille Mbembe. Evidentemente, pode-se aprender muito com todos estes autores. Mas, em minha opinião, a tarefa dada por Fanon continua em aberto.

Muryatan S. Barbosa  

Universidade Federal do ABC

doi: 10.9771/aa.v0i67.55008